

CINEMA/ESTRÉIAS

# 'Yndio do Brasil' expõe racismo do cinema

Documentário de Sylvio Back embaralha trechos de cem filmes que criam imagem distorcida do índio brasileiro

**JOSÉ GERALDO COUTO**  
Da Reportagem Local

Filme: Yndio do Brasil  
Produção: Brasil, 1995, 70 min.  
Direção: Sylvio Back  
Locução: José Mayer  
Onde: estreia hoje no Cinesesc; às 20h, lançamento do livro "Yndio do Brasil: Poemas de Filme" (editora Nonada), de Sylvio Back

"Yndio do Brasil" é uma espécie de autocritica do cinema com relação à imagem do índio que ele ajudou a construir nos últimos 80 anos. É uma colagem de trechos de uma centena de filmes nacionais e estrangeiros sobre índios. São imagens de filmes de ficção — como "A Lenda de Ubirajara", "Casei-me com um Xavante", "Como Era Gostoso Meu Francês" —, documentários etnográficos, cinejornais etc.

Para o diretor do documentário, Sylvio Back, o cinema tem reforçado o olhar distorcido que a sociedade branca tem do índio. "Esse olhar tem várias vertentes: uma é a do cinema americano, em que os índios são maus, demonizados; outra é a da Igreja, que mostra de um lado o índio demonizado, e de outro o índio idealizado, ingênuo, idílico", diz o cineasta.

A trilha sonora é composta basicamente de MPB, além de poemas escritos pelo diretor e dramatizados pelo ator José Mayer.

"Durante a pesquisa para o filme, me dei conta de que a música popular usou muito o tema do índio e acabou reproduzindo o mesmo olhar preconceituoso, idílico, racista e discriminatório que o cinema passa", afirma Back.

Na raiz da visão que discrimina o índio, segundo o diretor, está a atuação da Igreja desde o período colonial. "A Igreja sempre quis enquadrar o índio desossificando-o de sua cosmogonia", diz Back, que em 1982 já havia abordado o tema no documentário "República Guarani".

Depois, já na República, o índio foi vítima da integração nacional preconizada pelo Exército. "De formação positivista, o Exército brasileiro tem tentado integrar o índio aos ideais de ordem, progresso, autoridade. Acontece que o índio é sinônimo de desordem. Ele não tem uma organização voltada para produzir e progredir."

Em sua crítica à política indigenista do Exército, Back não poupa o marechal Rondon, que aparece em algumas das imagens aprovei-

tadas. Muito pelo contrário: "Rondon é um genocida branco. Embora tivesse o lema 'morrer se preciso, matar nunca', ao integrar o índio, ele o estava matando".

O diretor diz que fez um filme "desideologizado", se abstendo de dar ao espectador uma idéia pronta sobre o assunto. Daí, segundo ele, a ausência de narração.

"Desde 'A Revolução de 30' (1980) abdiquei do narrador em meus filmes. O cineasta que usa um narrador não acredita na sua imagem, e diminui assim o espectro do imaginário do espectador."

Back diz ter visto cerca de 700 filmes em sua pesquisa, realizada em arquivos e cinematecas do Brasil e dos EUA. O processo de seleção e montagem desse material levou cerca de três anos.

A colagem aparentemente desconexa de som e imagem obedece, segundo o diretor, a uma intenção: "Gosto de fazer o espectador ver dois filmes ao mesmo tempo: um filme de imagem e um filme de som, sem um acoplamento forçado entre as duas coisas".

Sylvio Back lança hoje, no Cinesesc, a partir das 20h, o livro "Yndio do Brasil", com poemas feitos para o documentário.



Cena do documentário 'Yndio do Brasil', de Sylvio Back, que reúne imagens do índio no cinema